

## A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

*Carmita Luzia Tomaz*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Andrecksa Viana Oliveira Sampaio*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** A pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, chamado de COVID-19, atingiu os países do mundo. No Brasil, desencadeou instabilidade e a necessidade de medidas de contenção dos casos, dentre elas, o fechamento de comércios, templos religiosos e as instituições escolares. Para o ensino, houve a necessidade de incorporar o ensino remoto de maneira emergencial. Dessa forma, questionou-se sobre a prática do professor de Geografia durante a pandemia, no intuito de ouvir os docentes que estavam vivenciando a situação no momento. Assim, este artigo tem por objetivo apresentar as narrativas dos professores de Geografia sobre suas práticas pedagógicas durante a pandemia da COVID-19. Os resultados evidenciaram a dificuldade de incorporar o ensino remoto à educação, tendo em vista os diversos desafios enfrentados pelos alunos e professores em relação, principalmente, ao acesso à *internet*, aparelhos tecnológicos, e o manuseio de tais equipamentos.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Ensino remoto. Prática pedagógica.

### Introdução

O ano de 2020 foi marcado pela descoberta de um vírus altamente infeccioso, que se espalhou rapidamente pelos países do mundo e recebeu o nome de COVID-19. Segundo o Ministério da Saúde (2020), a COVID-19 é uma doença causada pelo Corona vírus, denominado SARS-CoV-2. A doença causa um espectro clínico variado de infecções assintomáticas a quadros graves (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

A COVID-19, teve seu primeiro caso registrado na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, e logo se difundiu por outros países. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo. Em 17 de março de 2020, houve o primeiro óbito pela doença em território brasileiro.

A transmissão comunitária em várias regiões do país, foi confirmada pelos órgãos de saúde, e, conforme Oliveira et al. (2020) “Com o crescimento do número de casos da COVID-

19 e a ocorrência de transmissão comunitária, estratégias de mitigação passaram a ser adotadas, buscando evitar a ocorrência de casos graves e óbitos pela doença”. E assim, introduziu medidas de prevenção, como a quarentena<sup>1</sup> e o fechamento de estabelecimentos comerciais, cinemas, templos religiosos e as instituições de ensino, determinando o funcionamento apenas dos serviços essenciais, como farmácias, hospitais e supermercados.

Neste processo, as escolas foram fechadas por tempo indeterminado, impossibilitando o ensino presencial e na tentativa de amenizar os impactos causados pela pandemia à educação, o ensino remoto de maneira emergencial foi introduzido em alguns municípios. Esse modelo de ensino pouco conhecido na educação, buscou a continuidade das aulas por meio da *internet*, com a utilização das Tecnologia Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) para a comunicação entre professores e alunos, possibilitando a aproximação dos discentes com a escola, mesmo que de maneira virtual.

A incorporação das TDICs ao ensino como uma estratégia emergente durante o período pandêmico, ao mesmo tempo que representou a possibilidade de uma provável continuação das aulas, causou também discussões em torno das “disparidades econômicas que, por vezes, negam o acesso às novas TIC a uma parcela das camadas mais pobres. [...], quanto à dificuldade operacional dos professores com as tecnologias” (SOUSA, BORGES e COLPAS, p. 150). Isto porque, ainda que a sociedade esteja cada vez mais informatizada, o processo ocorre de maneira gradual e, conseqüentemente desigual. Uma expressiva parcela da população indis põe do acesso tecnológico, ficando à margem dessas transformações. Com isso, não acompanham o desenvolvimento técnico-científico por diversos motivos, entre eles, a falta de poder aquisitivo, o que dificulta a incorporação do ensino remoto, visto que, a modalidade é realizada por meio de plataformas digitais.

Dessa maneira, o ensino remoto e as TDICs, desencadearam controvérsias e dividiu a população entre prós e contras. Aos que defendiam a utilização do ensino remoto, apoiavam-se, na ideia de ser a única alternativa para o momento incerto causado pela pandemia. Os que se posicionavam contra, alegavam que uma parcela dos estudantes não conseguiria acessar as aulas, e acompanhar as atividades escolares pela falta de acesso à *internet*, causando a exclusão deles no processo de ensino e aprendizagem. Ademais, a própria atuação docente foi posta em questão, visto que, os professores teriam que adequá-la à estrutura remota,

---

<sup>1</sup>Período de isolamento imposto a pessoa portadora ou potencial portadora de doença contagiosa.

introduzindo as TDICs como ferramenta de ensino e substituindo a sala de aula física pelo ambiente virtual.

Dessa forma, ao observar a introdução do ensino remoto como medida emergencial para a continuidade do ensino, questionou-se sobre a prática do professor de Geografia durante a pandemia, no intuito de ouvir os docentes que estavam vivenciando a situação no momento.

## Metodologia

Ressalta que este trabalho se desdobra do resultado de pesquisa de mestrado desenvolvida com professores de Geografia em início e final de carreira, utilizando a narrativa como meio de coleta. Dessa maneira, as ações foram organizadas da seguinte forma: busca pelos professores em municípios vizinhos ao de Caetité-Bahia, município que possui uma Universidade pública com cursos de Licenciatura, inclusive oferece o de Geografia, o que faz com estudantes de localidades vizinhas e até mesmo mais distantes, se desloquem até Caetité para cursarem a graduação no *campus*; Contato inicial com os professores, feito por meio de ligações telefônicas, mensagens por aplicativos de comunicação e rede social, para realizar o convite de participação na pesquisa; Coleta das narrativas feito por meio de reunião no *Google Meet* e chamadas de vídeo pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

Destaca-se que durante a coleta, os professores foram incentivados a relatarem sobre as suas práticas pedagógicas nas escolas em que trabalhavam durante o período de pandemia. No decorrer do texto, os docentes foram chamados de grupo 1 e grupo 2, fazendo referência aos professores em início e final de carreira, respectivamente. Também, denomina cada um dos professores pelas iniciais dos seus nomes, para que suas identidades fossem preservadas.

## A prática pedagógica dos professores de Geografia durante a Pandemia da Covid-19

A emergência do ensino remoto trouxe consigo a preocupação referente a acessibilidade, tanto dos alunos quanto dos próprios professores ao meio tecnológico, e com isso, desencadeou uma discussão em torno da abrangência e da possibilidade desse tipo de ensino denominado de Ensino Remoto, que segundo Moreira e Schlemmer (2020) se configura como:

Uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pelo COVID-19, que impossibilita a presença física de estudantes e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais (MOREIRA E SCHLEMMER, 2020, p. 8).

Assim, ao lançar a questão sobre a prática pedagógica em tempos de pandemia aos professores do grupo 1 e 2, eles se mostraram em um primeiro momento bastante preocupados com a situação atípica causada no ensino. O que mais evidenciou nas narrativas foi a preocupação com aqueles que não estavam conseguindo ter acesso às aulas e atividades propostas, assim como caracterizavam o momento vivenciado em suas carreiras como desafiador.

No grupo 1, a professora **F** destacou a dificuldade da escola que leciona, em que ao iniciar as atividades remotas, menos de 21% da quantidade total de alunos estavam tendo acesso às aulas, e enfatiza a falta de acesso à internet e condições dos estudantes, que não possuem celular ou computador, como um atenuante da dificuldade de acesso as aulas remotas. “E assim, não teve participação de nem 21% dos alunos, porque, a maioria não tem internet, não tem mesmo. Não tem um celular se quer, computador muito menos. Os meninos não têm condições mesmo de estar acessando nada (Informação verbal, 2020).

A professora **A** também ressalta a dificuldade para trabalhar com seus alunos nas aulas remotas, e, aponta a falta de acesso dos discentes e até mesmo dos próprios professores à tecnologia e aos meios de comunicação como causa. A escola que a professora **A** leciona situa-se na zona rural, e seu público é totalmente rural, inclusive alguns professores residem na localidade ou nas proximidades da escola. Este fato contribui para o distanciamento da comunidade escolar dos equipamentos tecnológicos e principalmente a utilização e acesso ao sinal de internet. Com isto, as aulas remotas tornam-se praticamente impossíveis de serem realizadas, o que tornou complexa a tentativa de aproximação dos alunos com o ensino remoto durante o período de pandemia. Assim, **A** relata:

A dificuldade maior que a gente encontra é que os nossos alunos na escola que eu trabalho, a maioria deles não tem internet[...] e, para a gente, isso, muitas vezes é triste porque poucos alunos da escola, estão tendo esse acesso às atividades virtuais. [...] até mesmo os professores, tem muitos professores que moram na zona rural [...], e o professor não tem internet (Informação verbal, 2020).



A preocupação da professora **A** com os educandos, visando a aprendizagem e o acesso, mesmo que limitado ao ensino, induz ela e os demais colegas da instituição, a desenvolver táticas para levar a atividade até seus alunos. Na busca por manter o discente conectado ao ensino, os docentes se deslocam até as casas daqueles que não tiveram acesso as aulas remotas e as atividades propostas, para entregar o material impresso e mantê-los próximos a escola. Com isto, permitem que estes não fiquem prejudicados em relação aos outros, pela falta de acesso à internet “a maioria não tendo internet e a gente tem que preparar as atividades, tem que mandar imprimir e tem que levar até a casa do aluno, entendeu!?” (Professor **A**, 2020).

Esta situação é um desafio à professora, que se vê na condição de responsável pela continuidade do ensino mesmo sem ter as condições necessárias para isto. Dessa forma, a professora **A** seguiu na intenção de mantê-los com o mínimo de contato possível a aprendizagem, de amenizar os prejuízos da instalação de aulas remotas nas escolas onde os alunos e até mesmo os professores não possuem condições financeiras e tecnológicas de acompanhar o modelo provisório de educação remota.

O dilema da falta de acesso à tecnologia foi enfrentado por praticamente todos os professores do grupo 1, que destacaram além das dificuldades com o ensino remoto pelo fato de seus alunos não terem acesso à internet e muitos nem possuem aparelho de celular ou computador, eles próprios tiveram que saber lidar com o novo formato de ensino, e isto foi um grande desafio em suas práticas pedagógicas. Como apontado pelo professor **CA**:

Com essa mudança a partir do ensino remoto, a tática agora é tentar adequar metodologias para tentar entrar em contato com os alunos e a escola e tentar atrair os alunos com linguagens, metodologias atrativas. [...] Porque, nesse período os alunos ficam um pouco dispersos. [...] Além de atividades simples, fáceis de responder, que não levem muito tempo [...]. E usamos as tecnologias, o contato pelo *google meet*, *WhatsApp*. Estas tecnologias para a comunicação e também para estar atraindo os alunos (Informação verbal, 2020).

A necessidade de recursos tecnológicos para produzir os conteúdos, a didática a ser utilizada para alcançar os alunos em suas diversos níveis de aprendizagem, o lúdico e atividades atrativas para mantê-los interessados nas aulas, além disso, a preocupação com a mediação em casa, com os pais dos alunos, que muitas vezes não são alfabetizados ou não

estão disponíveis em auxiliar seus filhos nas atividades escolares propostas, são fatores que tornaram a prática pedagógica das professoras do grupo 1 mais complicadas.

As professoras tiveram que se adequar e planejar suas aulas conforme o requisitado para o momento de aulas remotas. Assim, **F** e **M** destacam como estão sendo suas práticas pedagógicas:

Os meninos não têm condições mesmo de estar acessando nada. E aqueles, que, por exemplo, pegava o celular da avó, do pai, e tal, ou tinha um parente para poder fazer da seguinte forma: O menino respondia atividade no caderno, tirava uma foto e mandava no *WhatsApp* do professor, porque a maioria, nem um e-mail sabia usar, não tinha e-mail na verdade e aí foi um negócio muito, muito difícil (informação verbal, 2020).

As minhas aulas estão sendo administradas através do celular, pelo grupo do *WhatsApp* e a partir daí faço os vídeos e envio para os grupos e os alunos assistem as videoaulas e respondem as atividades. Então, está sendo um desafio muito grande e a gente percebe que não é igual ao pessoal, a sala de aula, que a gente está junto, no mesmo lugar (Informação verbal, 2020).

Em contrapartida, a professora **RC**, destaca a possibilidade de realização das aulas remotas em sua escola, visto que, por ser de pequeno porte e situar-se em um distrito em que todos se conhecem, inclusive alunos, professores e diretores, o alcance aos alunos tornou-se viável. “Então com os alunos do 9º ano e o ensino médio, a gente tem o ensino remoto, a gente usa o *WhatsApp* para dar orientação e usa o *Google Meet* para as aulas online. E com a EJA são atividades impressas. A gente tem feito dessa forma” (Professora RC, 2020).

No caso específico da professora **RC**, as aulas tiveram prosseguimento pela organização local. O fato de a cidade ser pequena, a qual a maioria dos alunos possuem contato com a tecnologia, e, portanto, é um público menor e mais acessível do ponto de vista tecnológico, propiciou a adequação às aulas remotas. **RC** ressalta a dinâmica de contato com os estudantes da escola, em que, os poucos que não conseguiam ter acesso as aulas remotas, recebiam as atividades em casa, valendo-se da proximidade e conhecimento dos moradores locais com a diretora da escola.

Além do destaque para os desafios da prática pedagógica durante a pandemia, os professores iniciantes apontaram em suas narrativas questões que despertaram reflexões acerca da valorização do ensino presencial, assim como da importância do espaço físico da escola, das relações que existem no espaço, a importância do professor na mediação didática, na necessidade de aproximação das tecnologias e uso nas escolas, e da disponibilidade de acesso a estes pela população.

Assim, a narrativa da professora **F** sobre suas expectativas para a volta as aulas presenciais levaram a uma reflexão pertinente:

Então, a minha expectativa maior mesmo da volta as aulas é que a educação presencial, ela seja muito mais, não estou falando que é isto que vai acontecer, mas pelo menos a gente espera, de que tenha uma valorização muito maior do professor, inclusive do papel do professor na sala de aula como um orientador, como uma pessoa que transmite, não de forma vertical, mas aquela pessoa que está auxiliando no processo de aprendizagem de um outro ser humano (Informação verbal, 2020).

A valorização da educação, do ensino e da profissão docente é uma discussão que permeia o campo das pesquisas educacionais, e **F** apresentou estas questões em sua narrativa de forma reflexiva. A pandemia trouxe a necessidade do fechamento das unidades escolares, consequentemente, privou professores e alunos do convívio diário e da relação ensino e aprendizagem através da mediação. Com isto, impulsionou questionamentos sobre o papel do professor em sala, do quão significativo é a permanência do aluno nos espaços escolares e a importância de valorizar e perceber a profissão docente como uma área que propicia a formação escolar e cidadã dos indivíduos, possuindo significativo papel na construção dos pilares da sociedade.

Sobre esse ensino em meio a pandemia, os professores do grupo 2 ressaltaram a preocupação com os alunos que não poderiam ser alcançados por essa forma de ensino, e que suas práticas pedagógicas estão sendo conflituosas no sentido da preparação das aulas, da comunicação e da relação mediática com os alunos, tendo em vista que não conseguem ter um contato com eles, e não podem tirar dúvidas ou explicar determinado assunto ou questão. **C**, **R**, **J** apresentaram como estão sendo suas práticas pedagógicas respectivamente:

A gente manda o link para os alunos e os alunos assistem, e a gente participa dessas ACs, no Estado. Já no município a gente tem preparado atividades, fala para os alunos para lerem tal parte do livro e a gente manda atividade como se fosse estudo dirigido [...] Tem sido desse jeito, mas pra mim tirar a dúvida é difícil porque muitos não tem acesso[...] (Informação verbal, 2020).

Estamos trabalhando de forma remota na questão de gravar...e as vezes eu gravo aulas, envio links para os grupos. Cada professor tem o grupo de sua turma, envia essas aulas para o grupo, o aluno assiste e interage no grupo. Então o grupo do *WhatsApp* hoje é como se fosse a sala de aula, é o momento de interação (Informação verbal, 2020).

Primeiramente, cada professor de sua disciplina enviava a atividade. Ai a gente mandava para a coordenadora do colégio e ela repassava para os alunos. Mas quando foi depois de um tempo, teve-se a necessidade da gente participar dos grupos (Informação verbal, 2020).

O professor **CR**, apesar de não estar atuando neste momento de pandemia, considerando que está afastado com a licença que conseguiu logo que o isolamento foi decretado, destaca a preocupação com os alunos que não possuem condições de ter aulas remotas, avaliando que estes não dispõem dos aparatos tecnológicos, e afirma ser “muito difícil também de fazer, porque, a maioria de nossos alunos são da zona rural, muitos não tem internet em casa, não tem condições de[...]muitos não tem nem o celular, aparato tecnológico (Professor CR, 2020).

A dificuldade de manejo com tecnologia foi abordada nas narrativas dos professores do grupo 2, os quais demonstraram-se apreensivos com a necessidade do uso, corroborando com Alves (2020) que ressalta “o corpo docente não se sente preparado para assumir as atividades escolares com a mediação das plataformas digitais, seja por conta do nível de letramento digital, ou, por limitações tecnológicas para acesso a estes artefatos” (ALVES, 2020. p. 356).

Assim, nas narrativas do grupo 2, a tecnologia parece ainda ser um “tabu” e dessa maneira, o distanciamento dos meios tecnológicos dificulta a utilização que se faz necessária neste momento de pandemia, e prejudica suas ações pedagógicas nas aulas remotas ou na tentativa de manter o aluno próximo a escola por meio do contato virtual. A falta de formação continuada e até a questão da idade e das mudanças tecnológicas ocorridas na sociedade, e que não foram acompanhadas por eles, como realizado pelos alunos e professores mais jovens na profissão, são destacados como intensificadores dos desafios na fase final de suas carreiras, que se deu justamente em meio a pandemia e urgência em utilizar a tecnologia no momento.

Quando impulsionados a narrar sobre as expectativas para a volta as aulas presenciais, os professores do grupo 2 apontaram para a ansiedade e para a angustia causada no momento pela possibilidade de retorno, sem os cuidados devidos, e, principalmente pela falta da vacina para garantir a saúde de todos os membros da escola. Dessa forma, a maior expectativa dos professores, relacionou a produção da vacina e a imunização de todos, antes de retornarem as aulas presenciais.

Além disso, eles evidenciaram questões relacionadas a importância do espaço escolar e da interação entre professor e aluno no processo de ensino, bem como a necessidade do



contato físico entre os pares para uma melhor aprendizagem, apontando as aulas presenciais como essenciais no processo, com destaque para a fala do professor **CR** que acentuou a possível valorização do professor no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula quando diz: “mas talvez no retorno, eles vão aprender a valorizar mais a figura do professor. O professor vai ser mais interessantes, mais, assim[...]representativo para eles, é o ponto positivo” (Professor CR 2020).

Corroborando com a visão do professor **CR**, acredita-se que o espaço escolar seja essencial, e que a figura do professor neste espaço seja mais valorizada quando as aulas presenciais retornarem. Porque, a interação que existe entre professor e aluno no momento da mediação didática é representada pelo contato entre os sujeitos, em que os dois são agentes no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, o docente é o responsável por direcionar toda ação e sendo assim, a ausência do educador, tendo em vista que os alunos desenvolvem todas as atividades em casa, pode representar dificuldades para o aluno em assimilar certos conteúdos, que seria possível com o auxílio do professor.

Além disso, a privação docente e o ensino em casa, fez com que os pais ou responsáveis pelos estudantes ficassem encarregados de “substituir” a figura do educador, e assim, responsabilizados pelo aprendizado dos discentes. Dessa forma, a situação vivenciada pelas famílias dos alunos, talvez permitam que estas percebam e conscientizem-se da complexidade que o ato de ensinar representa. Assim, anseia-se a possibilidade de a sociedade reconhecer o papel essencial do professor na educação dos indivíduos e valorize a categoria.

Também, destaca-se a fala da professora **R** sobre a situação causada pela pandemia no ensino, segundo ela, um dos pontos positivos que aconteceu na educação atualmente, com a urgência do ensino remoto, está na possibilidade de busca pelo aperfeiçoamento do professor em relação às novas tecnologias, que há tanto tempo vem sendo discutida dentro do ambiente escolar. Conforme **R**, com a pandemia;

A gente vai ter que aprender a correr atrás, para aprender a lidar com essas tecnologias (risos). E o professor agora ele não ficou ocioso, ele teve que estar lutando, então, se ele não sabia, agora ele teve de “rebolar” e aprender pelo menos o básico para estar aí enfrentando essa pandemia (Informação verbal, 2020).

Ainda, percebe-se a importância e a necessidade de formação complementar dos professores, qualificando-os e permitindo que acompanhem as novas tecnologias, para assim, utilizar na sala de aula e que segundo Moreira e Schlemmer (2020):

Este cenário exige, pois, que após este período de emergência mundial, se pense em criar e desenvolver estruturas que respondam a estas mudanças e às necessidades da formação docente e de educação ao longo da vida, que realcem a realidade multifacetada, multidimensional, multidisciplinar e multicultural, assim como a articulação de saberes que se exige aos atuais professores/formadores, integrados nesta sociedade digital em rede (MOREIRA E SCHLEMMER, 2020, p.27)

Contudo, é preciso que os alunos possam ter acesso a esta tecnologia dentro da instituição escolar e também fora dela. A extensão do desenvolvimento informacional precisa ser vivida e participada por todos os membros da sociedade, para que a desigualdade não seja um fator conflitante e que torne a aplicação do uso das TDICs na escola, mais um projeto utópico para a maioria da população do país, principalmente os de classe média baixa.

### **Considerações finais**

O uso das novas tecnologias também chamadas de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) foi mais que requisitado para o trabalho do professor. Em uma sociedade que a cada dia se torna comum o uso da tecnologia da informação e comunicação, a formação do professor, inicial e continuada é a base a ser pensada para que o professor acompanhe e se adeque as mudanças e necessidades da sala de aula, e dos alunos que vivenciam uma época de interação intensa com o mundo tecnológico. Assim, segundo Moreira e Schlemmer (2020):

As mudanças organizacionais são muitas vezes dolorosas e implicam enormes desafios institucionais de adaptação, de inovação, de alterações estruturais, de flexibilidade, de enquadramento e de liderança, e este é, claramente, um momento decisivo para assumir a mudança, porque a suspensão das atividades presenciais físicas, um pouco por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido apelidado de ensino remoto de emergência (MOREIRA E SCHLEMMER, 2020, p.7).

Diante das narrativas dos professores, percebe que a sua prática pedagógica durante o período de pandemia revelou-se como um desafio, tendo em vista que, além de ser algo novo vivenciado em um período atípico, eles tiveram que iniciar os trabalhos com as aulas remotas, com o uso da tecnologia e plataformas digitais, pouco utilizadas no ensino presencial. A sala

de aula física foi substituída pela virtual, o contato físico não foi mais possível, e a mediação didática teve que ser realizada a distância.

Além disso, observou que o ensino remoto incorporado de maneira emergente nas escolas, deixou mais visível a desigualdade social entre a população e, acabou provocando a exclusão daqueles que não possuíam acesso à internet. Também, salienta que o momento vivenciado na educação, abriu precedente para a urgência das tecnologias e das mídias na sala de aula como uma alternativa metodológica para o ensino, demonstrando a necessidade de aprimoramento docente, desenvolvimento de habilidades e competências tecnológicas.

## Referências

ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade: **Interfaces Científicas**, Aracaju-Sergipe.V.8. n.3, p. 348 – 365. 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 17 de nov.2020.

BRASIL. **Informações sobre a COVID, 2019**. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br>. Acesso em: 21 de mar. 2021.

MOREIRA, José António. SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital *onlife*. **Revista UFG**, v.20, 63438. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 17 de nov.2020.

OLIVEIRA, Wanderson Kleber de. Como o Brasil pode deter a COVID-19. **Revista Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, 29 (2): e2020044, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ress/v29n2/2237-9622-ress-29-02-e2020044.pdf>. Acesso em: 21 de mar. 2021.

COLPAS, Ricardo Ducatti, BORGES, Eliane Medeiros, SOUZA, Galdino Rodrigues de. Em defesa das tecnologias de Informação e Comunicação na educação básica: diálogos em tempos de pandemia. **Plurais**: revista interdisciplinar. Salvador, v.5, n.1 p.146-169, jan/abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/8883>. Acesso em: 29 de mar. 2021.

## SOBRE AS AUTORAS

### **Carmita Luzia Tomaz**

Mestre em Educação (concluído), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Articuladora da área de Ciências Humanas no Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro- BA (Brasil); Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia (GRUPEG);

E-mail: [carmitatomaz@gmail.com](mailto:carmitatomaz@gmail.com)

**Andrecksa Viana Oliveira Sampaio**

Doutora em Geografia (UFS- Brasil); Professora Adjunta do Departamento de Geografia Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB- Brasil); Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED); Líder do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG) e membro do Núcleo de Análise em Memória Social e espaço (NUAMSE)  
[andrecksa.oliveira@uesb.edu.br](mailto:andrecksa.oliveira@uesb.edu.br)